

## AO MENOS PARA ABORRECER

7/11/66

RUBEM BRAGA

É possível que no mesmo dia em que esta crônica for publicada apareça uma nova lista de cassações e suspensões de direitos políticos. Também pode ser que não.

Todo dia os jornais trazem anúncios de cassações iminentes e também declarações de que não há cassações iminentes.

Os jornalistas não inventam nada. A fonte desses rumores contraditórios é a mesma: gente do governo. Vem uma notícia do Ministério da Justiça, outra do gabinete presidencial; há sempre alguém do Conselho de Segurança Nacional ou um informante do Alto Comando Militar, um major do Serviço Nacional de Informações, ou um senador da ARENA que acaba de conferenciar com o presidente da República para alimentar essa seção de rotina dos jornais brasileiros de hoje: «Cassações e Suspensões»...

Eu me lembro quando apareceu o Ato Institucional número 2. Dizia-se que o marechal Castelo Branco fôra forçado a assiná-lo, pois elementos da «linha dura» o exigiam. Para não ser derrubado pela Vila Militar o presidente assinou...

Assinou e gostou. Tanto gostou que toda a sua atividade política resume-se hoje em cassar e ameaçar cassar. É cassando aqui, ameaçando ali, prometendo cassar e prometendo não cassar, e cumprindo a promessa ou faltando à promessa que ele governa. Sabe-se que ele havia afirmado ao presidente da Câmara não pretender cassar mais nenhum mandato; mais ainda, dissera-lhe que em tal dia (3 de novembro) revogaria o Ato Institucional número 2. Não revogou; cassou, e voltará a cassar. Toda a sua «habilidade» política resume-

se nisso: sobre a cabeça de cada parlamentar e de cada candidato pesa essa ameaça. Eu ia escrevendo «espada de Dâmocles», mas suspendi a tempo — não a espada, a comparação. A espada de Dâmocles é um símbolo da insegurança do tirano, e não dos eleitos do povo. Nosso pequeno tirano tem também uma espada suspensa sobre sua cabeça por um fio de crina de cavalo, mas essa tem prazo fatal para cair: é o termo de seu mandato.

Virá outro marechal; anuncia-se que já esse não terá a seu serviço a máquina das cassações, pois antes de sua posse a «área estará limpa». É bem medíocre esse conceito de ordem e restauração democrática: acabar com os maus, fazer uma república só de bons moços, incorruptíveis e insubversíveis. Como se a grande subversão não fôsse exatamente o desrespeito frontal à vontade do povo; como se a grande corrupção não fôsse exatamente governar por meio de ameaças.

Que se pode fazer? Como não tenho vocação para conspirar, farei o que me é permitido: votarei em um candidato, como Márcio Moreira Alves, que, além de muitos outros méritos, tem o de lutar frontalmente contra os abusos do regime. Que o leitor vote em um desses elementos ameaçados de cassação — Hermâno Alves, Márcio Pedrosa, Hélio Fernandes, ou Paulo Silveira — e poderá ter a certeza de que eles estão ameaçados não por seus possíveis defeitos, mas exatamente pelas suas qualidades. Para o Senado, vote em Mário Martins ou Danton Jobim.

Talvez não adiante nada votar; mas sempre aborrece...